Comércio à noite abastece emergências

Criadas para funcionar ininterruptamente, as lojas de conveniências socorrem os consumidores de última hora

ENIO ARDOHAIN

Eles surgiram nos Estados Unidos na virada dos anos 70 com o propósito de atender uma demanda crescente de consumidores, cujos hábitos haviam sido alterados por uma mudança radical no comportamento das sociedades metropolitanas daquele país. Os **free shop**, ou lojas de conveniência, esparramaram-se rapidamente pelos aeroportos do mundo todo, mas no Brasil eles só foram se instalar nas ruas e postos de gasolina muito mais tarde — já no final da década de 80. Hoje, apenas em Brasília, existem oito destas casas, especializadas em oferecer toda a sorte de produtos possíveis de serem procurados a qualquer hora do dia ou da noite, pelos mais diversos tipos de consumidores.

A diversificação da oferta, por isso mesmo, é a principal característica destes estabelecimentos comerciais. Desde uma simples lâmina de barbear, até queijos e vinhos importados, passando por produtos de limpeza doméstica e material esportivo, são facilmente encontrados nestas lojas que nunca fecham. Em alguns casos, tanto é possível fazer um lanche rápido dentro das dependências da loja, como comprar os ingredientes necessários para um jantar de gala em sua residência. Quem não tem tempo pode levar comida congelada, salgadinhos, pizza pronta, petiscos ou até pão. Isto apenas entre os itens relacionados à gastronomia.

Provenientes das classes AA, A e B, os freqüentadores das lojas de conveniência só têm em comum o fato de suas rotinas destoarem da maioria dos outros cidadãos e a mania de deixarem tudo para a última hora — virtude, por sinal, atribuída a toda população brasileira. Eles são estudantes, pais de família, boêmios, técnicos de alto nível, jornalistas e operários da construção (estes últimos, a única exceção à média de elevado poder de compra) que desenvolvem suas atividades profissionais durante a noite, ou entregam-se aos prazeres da madrugada, impossibilitando-se, assim, de utilizar-se dos estabelecimentos em funcionamento no horário comercial.

"Nosso pico de vendas acontece semanalmente nas noites de quinta-feira a domingo e nas tardes do final de semana — quando muita gente procura a loja para comprar presentes de última hora", atesta a gerente do Pit Stop, loja de conveniência instalada no posto de gasolina da QI-19, no Lago Sul, Soraia da Silva. Depois dos itens de alimentação e das bebidas alcoólicas, os produtos mais procurados nos **free-shoppings** são os **mini-games** — jogos eletrônicos portáteis que se transformaram em mania entre as crianças brasilienses — e as peças de bijouterias, que ganharam espaço nas lojas de conveniência há poucos meses e já se transformaram em campeãs de vendagem.

Usuários — Na maioria das vezes, as pessoas procuram as lojas de conveniência para solucionar um problema emergencial. O estudante Paulo Henrique Crispin, por exemplo, dirigia-se para uma festa, acompanhando um casal de amigos. Já passava das 23h30 em uma sexta-feira, mas o grupo havia se comprometido em levar consigo vinho branco e água tônica — essenciais no entender dos festeiros. "Não deu tempo para comprar durante o dia e a saída foi passar por aqui", comentou o estudante, a caminho da festa.

O casal Alda Cristina e Sérgio Bittencourt são freqüentadores assíduos das lojas de conveniência. Ele, administrador de empresas, e ela, bibliotecária, decidiram mudar de carreira e estão freqüentando o curso noturno de Direito na UDF. Trabalhando de dia e estudando à noite, não sobra tempo para preparar o jantar, por isso, todos os dias eles passam à meia-noite pelo **free-shopping** e se abastecem com iguarias variadas. "O agravante é que somos vegetarianos, o que reduz bastante as nossas opções de alimentação durante a noite", comenta Sérgio, lembrando que a opção pela comida caseira sempre prevalece sobre o sanduíche. Eles levaram queijo, amendoim e salgadinhos.

Funcionário público especializado, Eduardo Rodrigues Chaves usa as suas noites de sexta-feira para passear com seus três filhos. Normalmente o itinerário não incluía lojas de conveniência, limitava-se a cineminha e um lanche no McDonalds, mas com a chegada das máquinas que "cospem" latinhas de refrigerante, a história mudou. "Hoje eles insistem para que eu venha ao posto de gasolina e pare no **free-shopping** somente para que tenham o prazer de apertar o botão e ver sair a lata", conta, enquanto satisfaz o desejo dos filhos no posto da 105-Norte.

Fotos: Edson Gês

A variedade de produtos nem sempre é suficiente para satisfazer os pedidos excêntricos

Loja de conveniência atende compras de emergência

Diversificação não atende excêntricos

Mesmo levando às últimas conseqüências o furor da diversificação, mantendo em exposição produtos como bola para jogar futebol americano, comida canina, tênis, camisetas, bonés, calculadoras, fitas de video-cassete, jornais, tocas e óculos para natação, cigarros e até camisinha de vênus, os administradores das lojas de conveniência não conseguem fugir às excentricidades dos consumidores. Um funcionário do posto da 105 — Norte, que preferiu não se identificar, conta histórias de casais que param na loja à procura de artefatos para apimentar suas relações sexuais. "Já me pediram vazelina, vibrador e até langerie erótica", atesta.

No mesmo posto, em outubro do ano passado, um freguês pedia insistentemente que lhe vendessem uma imagem de santo. "Qual o santo não importava. Ele queria apenas uma imagem", diz o vendedor. No Pit Stop do Lago Sul, um outro cliente saiu insatisfeito por não ter encontrado velas.

Casos de pessoas que querem quebrar a única norma estabelecida para este tipo de estabelecimento e exigem ser servidos de bebida alcoólica em doses são comuns em todos os **free-shoppings**. Nenhum dos estabelecimentos comercializa cerveja em garrafa.

Atraso de provas pelo IDR irrita os candidatos

Sete meses após as inscrições para o concurso de auxiliar de administração pública, os 24.462 candidatos ainda não puderam realizar as provas. O Instituto de Desenvolvimento de Recursos Humanos (IDR) alega que está esperando a autorização do Tribunal de Contas do DF (TCDF) para realizar as provas.

Segundo o chefe de gabinete da presidência do TCDF, Roberto Parentoni, foi solicitado pelo tribunal, em dezembro passado, a modificação de dois itens do edital na parte referente a provas de títulos. "As provas devem ser meramente classificatórias e não podem determinar o resultado final do concurso", disse Roberto. Pelo antigo edital, de acordo com Roberto, poderia haver algum tipo de privilégio a determinada clientela.

Em abril, Roberto afirmou que o TCDF enviou um novo ofício ao IDR, no qual havia maiores esclarecimentos sobre a mudança do edital, a pedido do instituto. "Estamos aguardando a publicação de um novo edital, o que está sendo feito pelo IDR", salientou Roberto.

Espera — Enquanto os aprovados em vários concursos do GDF lutam por suas nomeações, um grupo de candidatos se mobiliza para que o IDR realize as provas do concurso para auxiliar de administração pública. Segundo Cleusa Jesus Rocha, que representa um grupo de candidatos, o IDR adiou as provas, que seriam realizadas em fevereiro passado, e até o momento não deu nenhuma previsão sobre a nova data do concurso. "Queremos a realização das provas, ou em último caso receber o dinheiro da inscrição com reajuste", disse Cleusa. O valor da taxa de inscrição, em dezembro do ano passado, foi de Cr$ 10 mil.

"Iremos contratar um advogado para saber quais são os nossos direitos", frisou Cleuza. Ela disse que perdeu a noção de quanto vale o salário para o cargo que na época era de Cr$ 678 mil e 843. Pelo antigo edital, a taxa de inscrição não será restituída, "excetuando-se o caso de cancelamento do concurso".